

A EXPRESSÃO DOS CORPOS PELA DANÇA: VIVÊNCIA E REFLEXÃO EM MEIO ESCOLAR

Larissa Michelle Lara^{*}
Amauri A. Bássoli de Oliveira^{**}

RESUMO. Visando contribuições à área educacional, principalmente no que se refere à Educação Física e às problemáticas a ela atribuídas, desenvolveu-se uma experiência prática no Centro de Aplicações Pedagógicas da Universidade Estadual de Maringá, com uma turma de 8ª série, buscando contribuir para uma conscientização acerca das necessidades e possibilidades de movimento, no sentido de vencer determinadas resistências que dificultam o trabalho de conteúdos não ligados às raízes culturais esportivas. Concretizada a experiência, pôde-se perceber que a expressão dos corpos pela dança na escola é dificultada pelas resistências sociais, culturais e pedagógicas que são parte da vida dos indivíduos e que inviabilizam muitas vezes o acesso a tais conhecimentos. No entanto, a conscientização torna-se possibilitada à medida que reflexões começam a se concretizar por meio do comprometimento de profissionais com a cultura de movimento em todos os seus aspectos.

Palavras-chave: expressão, corpos e escola

BODY EXPRESSION IN DANCING: EXPERIENCE AND REFLEXION IN A SCHOOL ENVIROMENT

ABSTRACT. A practical experience at the Centro de Aplicações Pedagógicas (Teachers' Training Centre) of the Universidade Estadual de Maringá was developed, in the educational field, chiefly in Physical Education and the problems attributed to it. The experiment was undertaken with children of 8th form. It tried to give an awareness about necessities and possibilities of movements so that certain resistances hindering themes to linked to sport's cultural roots could be overcome. The body expression in Dancing at school is hindered by social, cultural and pedagogical resistances. The latter are part of the person's life and in many circumstances render difficult his/her the degree of reflexions through the commitment of teachers to the culture of movements in all their aspects.

Key words: expression, body, school.

^{*} Professora Especializanda em Educação Física Infantil pela Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, Câmpus Universitário, 87020-900, Maringá-Paraná, Brasil.

^{*} ^{*} Professor do Departamento de Educação Física, Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, Câmpus Universitário, 87020-900, Maringá-Paraná, Brasil e doutorando em Educação Motora pela UNICAMP.

PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES

A educação como um todo passa por um processo de intensas reflexões, principalmente, porque não está concretizando no homem real o estabelecimento de relações significativas por meio do movimento. O corpo, instrumento dessa ação, é vislumbrado em grande parte pela ótica dos interesses capitalistas e acaba, cada vez mais, sendo moldado dentro dos padrões estabelecidos pela sociedade.

Baseadas nisso, contribuições no sentido de desvelar certas práticas são de fundamental importância para a busca de uma educação que veja o homem não pela simbologia de mais um corpo a ocupar o espaço, mas pelo sentido e significado desse corpo, enquanto ser histórico e, portanto, real. Assim, é no fazer histórico que procuramos entender o homem e suas necessidades de movimento, por meio de práticas que contribuam para a ampliação da cultura corporal em meio escolar. A dança, uma das expressões dessa cultura, é, certamente, um dos elementos-chaves de contribuição a uma visualização do homem em todas as suas potencialidades. É um meio de expressão surgido mediante as necessidades humanas e transformado a partir de novas necessidades religiosas, formas de pensar, agir e relacionar-se com o corpo. Visualizada nas civilizações antigas e, após, pelo entendimento de separação do sensível e do inteligível (Freire, 1991), renasce com novas características baseadas nas necessidades advindas de um novo homem. Passa a ser lembrada dentro da Educação Física, em que praticamente está ausente, devido ao massacre cultural dos elementos da cultura de movimento que não privilegiem o mundo esportivo. A partir de então, esse conteúdo em meio escolar torna-se um grande desafio a profissionais que se empenham em trabalhar uma nova proposta de Educação Física.

Assim, o trabalho em questão teve por objetivo caracterizar a expressão dos corpos pela dança e a sua relação com a Educação Física escolar, a fim de verificar a sua contribuição como agente conscientizador do homem e das suas possibilidades de movimento, através de uma experiência prática junto aos alunos da 8ª série do Centro de Aplicação Pedagógica da UEM. Para este relato apresentamos um pequeno

introdutório teórico e detivemo-nos mais especificamente ao relato da experiência vivenciada, procurando a abordagem das resistências culturais, sociais e pedagógicas que dificultaram a concretização desse elemento na escola.

CONSCIENTIZANDO CORPOS?

A Educação Física sempre tratou o corpo, ou melhor, os corpos, como objeto, produto de uma sociedade ditada por padrões burgueses. É o corpo da moda, o corpo consumista, o corpo atlético. Como coloca Gaiarsa (1994, p.131): *É a indústria do olhe para mim, forma oficial de exibicionismo e de chamar a atenção.*

São esses corpos que vigoram. É o corpo que se vê e não o corpo que se sente. É o corpo que se liga aos condicionantes sociais, à educação, às frustrações, ao consumo. E a Educação Física mais uma vez se esquece do humano do corpo, do sentimento, das sensações, dos prazeres, do cultural, do político e continua a querer moldar um corpo: robô, acrítico e individual.

Santin (1994) coloca que tudo o que se sabe sobre o corpo não partiu dele, mas sim do pensamento racional grego e que após os conhecimentos sobre o mesmo foram apresentados pelo pensamento religioso. Com a modernidade, vincula-se esse corpo à razão. Surgem as ciências experimentais e o corpo é visto pelas leis da física, código genético ou estruturas biológicas, escravizando o mesmo às leis mecânicas e biomecânicas. Gonçalves (1994) diz que, nas sociedades em que a divisão do trabalho é acentuada, são reduzidas a espontaneidade, a expressão por meio do corpo e acentua-se a instrumentalização do mesmo.

Foucault (1979) diz que a conscientização do corpo pôde ser conseguida através do instrumento feito pelo poder (a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a valorização do corpo belo), levando as pessoas a buscarem um tipo de corpo, efeito causado pelo trabalho insistente e meticuloso do poder sobre o mesmo. A sociedade de lucro passa cada vez mais a investir no corpo e isso faz com que as pessoas passem a acreditar sobre a posse de um corpo a ser cuidado. Assim, podemos perceber, baseado nas palavras de

Freire (1991, p.59) que ... *a alienação caminha a passo com a conscientização*.

Assim, se antes o poder era visualizado de forma clara e direta pela igreja, pelo estado autoritário e militar, agora é visto de forma sutil, como afirma Chagas (1994), e dispersado no cotidiano por meio de discursos que pregam a liberdade sexual, o culto ao corpo belo e à fidedignidade da ciência. Os estudos acerca da corporeidade estão mais presentes neste século XX e fazem com que o homem comece a descobrir que é corpo e não apenas que tem um corpo. Desse modo, entende-se a necessidade de uma educação voltada para a corporeidade, tendo como elemento primordial a sensibilidade. Como coloca Freire (1994, p.31):

Acredito firmemente que os rumos da Educação Física, os rumos da educação corporal ou motora, os rumos das terapias corporais, no mundo ocidental, serão marcados pela preocupação com a educação para a sensibilidade, com a educação para a tomada de consciência da corporeidade. Pensar a educação na nossa área como uma educação para as pessoas se saberem corpo está, no meu entender, de acordo com o que há de mais atual no pensamento humano hoje.

Nesse sentido, é preciso que a educação como um todo entenda a necessidade de "ser corpo" e não apenas um instrumento a ser manipulado, pensado e direcionado por outros cérebros. No entanto, Santin (1994) ao colocar sua preocupação sobre os estudos realizados acerca do corpo atualmente, menciona que é preciso ficarmos atentos para esses discursos de exaltação ao corpo, posto que não passam de uma forma camuflada de menosprezá-lo. Assim ele comenta:

Será que ao falarmos do corpo estamos querendo desvelar e resgatar o significado do corpo na história do homem, ou estamos apenas olhando o corpo conforme a ótica da sociedade industrial. (Santin, 1994, p.74).

Dessa forma, o alerta é válido para que não contribuamos, embora não seja o nosso propósito, para valorizar demasiadamente um discurso corporal que venha cada vez mais aumentar a

espiral da produção de corpos e/ou de corpos produtivos.

Um trabalho corporal voltado ou não para a Educação Física, que considere apenas o aspecto fisiológico do mesmo, estaria desconsiderando, na visão de Daolio (1995), que o corpo humano pode se expressar de diferentes formas e em diversos grupos. O indivíduo, na visão do autor, passa a adquirir um conteúdo cultural que se instala no corpo e passa a ser definido pelo seu significado e pela construção diferente realizada em cada sociedade. Não existiriam, portanto, corpos melhores ou piores, mas sim corpos que se expressassem de diferentes formas, conforme a história de cada povo, de cada região. Nesse sentido, a Educação Física deve contribuir para uma ampliação e não redução desses aspectos culturais.

Santin (1994) busca uma Educação Física que seja capaz de fazer com que os homens vejam e sintam a sua corporeidade por meio de uma ética da sensibilidade, nascida a partir do momento que se pode entender e viver o corpo. Tal vivência torna-se, dessa forma, imprescindível para que se possa entender a corporeidade alheia. Mas, ele bem lembra que essa sensibilidade precisa ser desenvolvida, cultivada, como qualquer outra necessidade vital, principalmente porque pode ser esmagada pelos princípios da racionalidade. Assim ele diz:

O ser humano, particularmente o homem, foi proibido de manifestar sua sensibilidade. Ele não pode emocionar-se, chorar ou deixar-se conduzir pelos sentimentos. Essas manifestações são contrárias ao comportamento racional, à dignidade de uma personalidade equilibrada e estável. (Santin, 1994, p.76).

Dessa forma, pensando a corporeidade, buscando resgatar a sensibilidade existente em cada ser, o lado humano dos homens e da Educação Física é que pretendeu entender o corpo em movimento através da dança, meio que pode fazer aflorar novas necessidades de movimento e contribuir para ações reflexivas. Mas, por que a dança? Porque a escolha desse elemento? Para esclarecer a nossa escolha, lembramos mais uma vez Santin (1994) que fala da necessidade de se buscar espaços para se resgatar a dignidade corporal, em que os dualismos não impusessem

sua força. Assim, haveria momentos onde uma unidade poderia ser percebida e um desses momentos seria vislumbrado na dança, em que o dançarino se sente como um "todo inseparável".

Entende-se, portanto, que esse é um dos motivos importantes, mas não o único da escolha de tal elemento da cultura de movimento humano. Entendemos a importância do resgate da dança nas aulas de Educação Física, não desprezando nenhum outro elemento da cultura de movimento, mas sim resgatando um elemento tão esquecido quanto o próprio "ser corpo". A partir desse entendimento, a experiência educacional começa a tomar forma.

COLOCANDO EM PRÁTICA

Fleuri (1992) diz que educar requer um compromisso com a tarefa de conhecer a gênese da própria prática, o que implica buscar alianças e assumir conflitos. Significa desafiar e ser desafiado a mudar ou manter as estruturas existentes.

No que diz respeito à Educação Física, tem-se clara a necessidade de contribuir para que a sua prática atue no sentido de transformação e não de reprodução, por meio de profissionais realmente comprometidos com a cultura do movimento e com um homem histórico-social concreto. No entanto, isso muitas vezes acaba não ocorrendo, estreitando-se o mundo de movimentos dos alunos por meio de uma Educação Física sinônima de esportes. Como afirma Bracht (1992, p.46):

A legitimidade das práticas corporais, principalmente o esporte, nas sociedades modernas, pode ser deduzida da praticamente unanimidade que o esporte hoje alcança.

Mas, tentativas estão sendo viabilizadas no sentido de novas perspectivas para a Educação Física e algumas dessas, executadas no Centro de Aplicações Pedagógicas da Universidade Estadual de Maringá, fizeram-se necessárias e puderam ser postas no plano real.

Antes de darmos início aos conteúdos, uma necessidade fez-se presente: a realização de um planejamento participativo com os alunos, em que estes pudessem atuar de forma dialógica na escolha dos conteúdos a serem desenvolvidos. No entanto, algumas direções foram dadas para um

melhor encaminhamento do processo. A ginástica, uma das temáticas a ser desenvolvida, não foi, de certa forma, uma escolha dos alunos em si, mas uma necessidade de se dar continuidade ao trabalho de ginástica artística já iniciado pela professora da turma. Sugerimos que a dança fosse trabalhada no primeiro semestre devido à necessidade de relatos em trabalhos posteriores. Como conteúdos de dança os alunos escolheram: o fandango paranaense, o samba, o *rock'n roll*. Por fim, um trabalho com uma dança livre foi sugerido, baseada em temas-geradores (Freire, 1979), denominada por nós de "dança livre educacional", com suporte em elementos enfatizados na dança moderna, pela necessidade de dar ênfase ao lado criativo e expressivo no meio educacional, fugindo às danças já construídas. Como diz Laban (1990, p.18):

Nas escolas onde se fomenta a educação artística, o que se procura não é a perfeição ou a criação de execução de danças sensacionais, mas o efeito benéfico que a atividade criativa da dança tem sobre o aluno.

Trabalhando a ginástica, logo percebemos a timidez dos alunos e até mesmo a ausência de experiências anteriores que facilitassem o trabalho a ser realizado. O medo em se expor, principalmente pelo ambiente ao ar livre, de errar e ser ridicularizado pelo grupo era evidente. A princípio, as meninas tiveram uma boa participação, embora receosas em se expor frente aos meninos. Estes dificilmente realizavam as atividades, passando apenas a observá-las. Num primeiro momento, buscamos incentivá-los através de conversas sobre o medo em se expor, sobre valores culturais, mas não tivemos avanços significativos e a forma de fazer com que participassem das aulas práticas foi, infelizmente, pelo sistema avaliativo. A necessidade de criar uma seqüência coreográfica de ginástica fez com que grande parte dos alunos vivenciassem os fundamentos desenvolvidos em aula e, pelo menos nesse momento de criação e apresentação, pudemos vê-los em movimento.

Ao iniciarmos o trabalho com a dança, pensávamos que esse quadro seria revertido, principalmente pela diversidade das danças escolhidas. No entanto, isso não se concretizou. Antes de iniciarmos o trabalho, cada aluno respondeu algumas questões referentes ao

entendimento sobre a dança, diversos tipos de dança, gosto pela mesma e discriminação em torno do homem que dança.

A partir das respostas pudemos perceber que grande parte dos alunos possuía o entendimento da dança como sendo uma forma de expressão corporal, uma forma de movimentar o corpo, liberar a alma, e outros ainda a viam como um esporte, um divertimento, forma de liberação de energia. Com relação ao surgimento da dança, a maioria dos alunos atribuíram a sua gênese à necessidade do homem em se expressar, em agradecer deuses, comunicar-se com os mesmos, agradecer pela colheita, o que condiz com os fatos históricos, e outros relacionaram-na com os indígenas, aspecto não evidenciado na literatura.

A maior parte dos alunos disse gostar de dançar porque é uma forma de transmitir às pessoas os sentimentos mais íntimos; porque é um meio de se expressar com o corpo, enturmar e divertir e também é um passatempo. Uma pequena parcela disse não gostar de dançar devido à vergonha ou porque não vê graça nessa prática.

Quanto à visualização do homem que pratica a dança, a maior parte considera normal, alguns vêem como quase normal, uma minoria acha o máximo, outros interessante e outros ainda vêem esse homem como doente.

Após o trabalho realizado com a dança, as idéias praticamente não se alteraram. Alguns conceitos puderam ser melhor elaborados com relação a algumas questões. A dança foi vista como importante por alguns porque fazia esquecer os problemas, era um passatempo, ajudava a relaxar enquanto alguns continuavam vendo-a como sem graça, não vislumbrando a mesma como importante, a partir do momento que o professor obriga os alunos a participarem, pela dificuldade de execução de algumas danças, por não terem experiência e, ainda, por apresentarem vergonha. O que pôde ser alterado com maior evidência foi com relação à discriminação do homem que dança, passando a entender o mesmo como uma pessoa inteligente, culta, que se preocupa com a preparação física, que gosta de se exercitar. Mas, a idéia de louco e “perfeito idiota”, como colocaram alguns, ainda permaneceu. Isso porque valores transmitidos e adquiridos socialmente como sendo verdades absolutas, são fortemente incorporados pela pressão exercida por meios opressores: família, educação, religião, Estado, meios de comunicação, dentre outros, que tendem

a vincular muito bem as idéias hegemônicas, de modo que uma nova visualização torna-se dificultada e muitas vezes inviabilizada.

Durante as aulas, procuramos trabalhar o histórico da dança de modo geral, com dramatizações, discussões em grupo e apresentações. Após, buscou-se um trabalho mais específico (fandango paranaense, samba, *rock'n roll* e dança livre educacional). No entanto, os meninos raramente participavam das aulas e essa ausência fez com que, em certos momentos, um número reduzido de meninas se predispusessem a vivenciar experiências com os meninos as observando. Ou seja, embora a maioria dos alunos dissessem gostar da dança e não ter preconceitos acerca da mesma, na prática isso não se concretizava. Mas, tal situação não era geral. Dependia da dança a ser vivenciada, do momento da aula e da disposição das mesmas para o trabalho. Assim, é preciso mais que o entendimento de que os corpos se expressam de uma forma diferente porque representam culturas diferentes, conforme afirma Daolio (1995). Ou seja, é necessário extrapolar esse conhecimento para o entendimento dos princípios, valores e normas que fazem com que os indivíduos se manifestem de uma forma ou de outra.

POR UMAMASSIFICAÇÃO DANÇANTE

Uma tentativa de se trabalhar a dança com a participação de grande parte dos alunos deu-se através de uma dança livre educacional. Num primeiro momento, fase de trabalho de ritmo com materiais de percussão, não utilizamos o termo dança e os movimentos realizados, a princípio, consistiam em corridas nos diferentes ritmos batidos pelo tamborim; chegar aos planos baixo, alto e médio e elementos de luta, motivantes para os meninos. Isso fez com que a participação fosse maciça. No entanto, quando iniciamos com passos mais dançantes e em duplas, metade dos alunos foram sentando, mesmo buscando incentivá-los, colocando na seqüência a ser vivenciada, movimentos que usavam no dia-a-dia, como os do futebol, das situações encontradas nos ônibus, formas de andar em diferentes momentos e outros. Mesmo com a fuga das atividades por parte de alguns, tivemos a participação de grande número de alunos que, distribuídos em três grupos, criaram movimentos e ritmos variados, apresentando sua

criação para os demais e após, discutindo sobre a apresentação da mesma. Eram os primeiros passos para a realização do que denominamos “dança livre educacional”.

O processo de elaboração da penúltima avaliação do bimestre ocorreu da seguinte forma: os grupos se dividiram aleatoriamente, em quatro. Incentivamos os mesmos a expressarem uma temática por meio da dança, seja pessoal, social ou cultural. Os grupos escolheram algumas temáticas como a fome, a amizade, o futebol e a diferença social.

O grupo do futebol, formado apenas por meninos, não se preocupou muito com a atividade a ser desenvolvida. Baseados na improvisação, na diversão, encenaram algumas situações de jogo. O grupo que trabalhou a diferença social, formado também por meninos, preocupou-se desde a caracterização dos personagens até a marcação forte da música mais adequada à situação a ser vivenciada. Mas, embora se tratasse de uma encenação, esquecendo-se que o elemento de maior evidência, naquele momento, seria a dança, retratou situações cotidianas com muita criatividade.

O grupo da fome, composto de meninos e meninas (em sua maior parte), também preocupou-se com a caracterização. Pratos foram utilizados como forma de melhor representar a temática e como meio de enriquecimento coreográfico. Já o grupo da amizade, composto somente de meninas, preocupou-se tanto com a música, caracterização, como com o aspecto coreográfico, cujos movimentos e expressões eram criativos e interessantes, enquadrando-se perfeitamente na temática desenvolvida.

Embora houvesse descaso por alguns com relação a esse tipo de trabalho, muitos dos alunos acharam diferente e se sentiram bem com a sua realização, principalmente porque foram eles os mentores de tal processo e execução. O que os inibia, em muitas vezes, era a vergonha, o não interesse por atividades do tipo e os preconceitos com relação a quem pratica a dança, já de origem familiar e transmitidos aos filhos, como evidenciado por um dos alunos: **Ah, se meu pai me visse assim.** Isto pode ser melhor entendido, como afirma Freire (1987), por meio da invasão cultural, que representa a penetração dos invasores no mundo dos invadidos, impondo a sua forma de visualizar a realidade, constituindo-se assim, num ato de violência.

Mas, sem dúvida, por menos elaborados que tivessem sido os trabalhos, por menor preocupação que tivessem para com os mesmos, o processo foi extremamente válido, pois discutiram o que iriam elaborar, que movimentos melhor se adequariam à situação escolhida, à realidade a ser representada.

Levando-se em consideração que os alunos praticamente vivenciaram o esporte em toda a sua vida, trabalhando essencialmente sobre regras, técnicas, não lhes dando oportunidades de vivências de outras práticas corporais apoiadas em conhecimento científico, resultando em ampliação do mundo de movimento por meio de experiências novas e de caráter reflexivo sobre si mesmo e a sociedade, o trabalho desenvolvido pelos alunos foi satisfatório. Todos participaram e deram a sua contribuição, não somente aos colegas de classe, ao critério de avaliação, aos anseios da professora, mas a si mesmos, como uma experiência de movimento enriquecedora, permitindo que expusessem seus corpos, suas necessidades, seus medos e preconceitos.

PENSANDO OS PROBLEMAS DA DANÇA

Devido aos problemas enfrentados durante todo o período de trabalho com essa turma de 8ª série, sentimos a necessidade de uma avaliação teórica que, encerrando os conteúdos do bimestre, constasse uma pergunta semelhante, ou poderíamos dizer, igual à situação real encontrada. Ou seja, se os alunos, enquanto professores, tivessem que transmitir e produzir determinado conteúdo da cultura de movimento com seus alunos, neste caso a dança, em que muitos dos alunos se negavam a participar (em grande parte do sexo masculino) como resolveriam o problema? As sugestões para resolver a problemática foram as mais variadas possíveis, sendo que muitas eram de cunho estritamente repressivo. Ou seja, quando os indivíduos se visualizam numa posição tida como “superior”, com privilégio de poder, as idéias passam de democráticas a autoritárias. Como nos diz Freire (1983), a democracia, antes de ser forma política, é forma de vida caracterizada pela transitividade de consciência, que nasce e se desenvolve a partir do debate e análise do homem e dos problemas comuns. Assim, dificilmente isso se concretiza, posto que os opressores tendem a podar todo ato

democrático, a incentivar a relação autoritária e a submissão dos oprimidos.

Sobre a problemática, alguns alunos colocaram que, sendo homens, entenderiam as dificuldades dos mesmos e deixariam de transmitir o conteúdo. Outros enfatizaram que os alunos são movidos à nota e, por isso, dariam muitas aulas práticas, em que avaliariam constantemente a participação dos mesmos. Alguns tentariam convencer os alunos a participarem e quem não o fizesse ficaria sem nota. Colocariam ainda para fora da classe; levariam à diretoria; tentariam convencê-los a participar e se não desse certo, daria a matéria para as meninas e pesquisa em casa para os meninos; passariam o conteúdo dança e caso não fosse possível a concretização do mesmo, dariam jogos e esportes em substituição a ele. Outras idéias, de certa forma, interessantes: disseram que incentivariam a prática, buscando desinibi-los, mostrando exemplos concretos da não interferência na masculinidade; relacionariam esses conteúdos com coisas que os garotos gostam e que não têm preconceitos; verificariam os motivos da rejeição e, após, buscariam variar as aulas. Mas, sem dúvida, como colocou um dos alunos, esta é uma **Difícil missão já que a sociedade forma idéias preconceituosas e seria difícil retirá-las da cabeça, principalmente de adolescentes.**

Outras idéias a esse respeito foram colocadas. Alguns alunos dariam aulas separadas; outros dariam todas as aulas como teste e quem não participasse ficaria com zero; mostrariam ao sexo masculino que se foi legalizado é para o bem e conhecimento de todos; tentariam dialogar e se não conseguissem resultados, passariam a encarar a matéria como dada; conversariam com os pais dos alunos; verificariam os motivos da rejeição e depois buscariam variar as aulas. Outros ainda disseram que não dariam essa matéria. Poderiam até trabalhar a teoria, mas no que diz respeito a um bimestre de prática de dança são contra. Outros argumentaram que o aluno deve fazer o que o professor quer e não o que ele quer; colocariam todos para dançar de algum jeito, pois se um se propõe a dançar, o outro acaba indo. Por fim, colocaram ainda que é a vergonha entre os amigos que atrapalha.

Pode-se perceber a existência de idéias mais democráticas e interessantes como dialogar com os alunos, apresentar exemplos concretos da não interferência na masculinidade, buscar desinibi-los, embora algumas destas tentativas tivessem

sido realizadas e sem resultados satisfatórios. No entanto, grande parte das respostas evidenciadas tinham perspectivas autoritárias, resultado de uma sociedade em que os dominantes impõem sua hegemonia aos dominados pelo uso abusivo do poder, o que acaba sendo incorporado às pessoas quando se encontram em situação que consideram como privilegiada naquele momento.

Desconfiar dos homens oprimidos, não é propriamente desconfiar deles enquanto homens, mas desconfiar do opressor hospedado neles. (Freire, 1987, p.199).

Assim, somente na medida que os hospedeiros do opressor se descobrirem como tal é que poderão contribuir para o alvorecer de uma pedagogia libertadora.

Enquanto que, na situação de aluno, vislumbra-se uma democracia e até uma certa pedagogia libertária, quando se trata de exercer a função de professor atuam pelo lado autoritário, cujas medidas opressoras resumem-se em retirar notas, conversar com os pais, com o diretor, dentre outras. Algumas pessoas ainda buscam uma fuga à problemática existente como o não trabalhar tal conteúdo, simplesmente substituindo-o por outros conteúdos.

A avaliação teórica continha ainda uma questão em que os alunos deveriam criar a pergunta e respondê-la. Uma das alunas elaborou a questão e a respondeu da seguinte forma:

Você acha que a dança em si é necessária para a sua vida? Não. Fantasias não mudam nossas vidas. É a realidade que temos que viver. Ficarmos como idiotas pulando, gritando, girando... Isso não vai fazer com que uma pessoa ganhe sua vida, sustente sua família. O Brasil é um país de problemas, e vivermos na ilusão, que prá mim é a dança, não leva a nada.

Ou seja, essa forma de pensamento, que buscamos respeitar em todas as suas formas, em todos os seus aspectos, principalmente porque esse entendimento não deve ter sido elaborado circunstancialmente, mas baseado na vida desse aluno, em suas necessidades concretas, não condiz com a forma que visualizamos a dança e os significados de tal prática para a sociedade. Mas,

não é inviabilizarmos essas formas de pensamento ou buscarmos moldar no indivíduo maneiras diferentes de entendimento da dança que estaremos contribuindo para que o mesmo passe a melhor compreender a si e suas relações com o meio. Entendemos que novas reflexões sobre essa temática possam surgir a partir do momento em que o indivíduo passa a estabelecer relações com um corpo vivido (Moreira, 1994) e não meramente pensado. Nesse sentido, nossa atuação está em propiciarmos aos alunos condições de acesso ao conhecimento científico como fuga ao senso-comum e ampliação do seu mundo de movimento, oportunizando-lhes condições de refletir por seus próprios atos e necessidades, após a vivência dessas experiências, mesmo com a existência de repúdios e outras barreiras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A caracterização dos corpos pela dança e a relação estabelecida com a Educação Física, por meio de uma experiência prática no Centro de Aplicações Pedagógicas da Universidade Estadual de Maringá, contribuíram para reflexões acerca da importância em se possibilitar ao homem uma conscientização sobre as suas possibilidades de movimento, permitindo também a visualização das resistências que dificultam o acesso a esse conhecimento.

Trabalhados os conteúdos e concretizada a experiência, pudemos perceber que, embora os resultados esperados e a grande participação idealizada anteriormente não pudesse ter sido viabilizada em sua íntegra, foi interessante como tudo se processou. A adolescência é realmente uma fase difícil de se trabalhar, mas interessante na medida que situações diferentes são criadas diversas vezes, exigindo de nós perspicácia, criatividade e dialogicidade para entendê-los e superá-los. Encontramos alunos inteligentes, mas com interesses diferentes daqueles discutidos em sala de aula, tornando-se portanto, um problema, pela forma com que buscava inviabilizar o processo de estudo: conversas, brigas com companheiros, discussões em sala e outros.

Deparamo-nos com alunos que se sentem bem em ridicularizar companheiros de classe, principalmente no que diz respeito à sua religião e sexualidade. Deparamo-nos com alunos desafiadores no sentido de perspectivas negativas: testar o

professor, seus conhecimentos, como uma forma de lhe tirar a credibilidade frente ao grupo. Visualizamos alunos interessados nos conteúdos desenvolvidos, criativos, preocupados com o sistema de avaliação, mas presos a regras que a sociedade impõe como verdadeiras. Encontramos alunos frágeis, sem perspectivas de discussão e análise, pacatos, voltados para o seu próprio mundo, que não chegam nem a perturbar, nem a contribuir. Deparamo-nos ainda com alunos ora quietos, ora falantes e dispostos a discussões de contribuição ao processo, com idéias inovadoras e desprovidas de caráter individual.

Por fim, podemos dizer que encontramos pessoas que marginalizam seus corpos, que bloqueiam seus movimentos, que cultivam idéias discriminatórias em termos de dança, de contato com o outro e de conhecimento de si mesmo, que necessitam buscar a sensibilidade dentro de si para que não esmague e nem seja esmagado pelos princípios da racionalidade. E esse é um dos grandes desafios que a Educação Física, em especial, tem pela frente.

Uma Educação Física que esteja realmente comprometida em ser mais que movimento esportivo, em priorizar o homem em todas as suas potencialidades, em destituir-se de seu caráter funcionalista e alienante. Uma Educação Física que seja incentivada pelo buscar, por meio de profissionais realmente comprometidos com práticas que busquem um direcionamento político-pedagógico em favor de uma conscientização social; de repúdio a uma Educação Física sinônimo de esporte evidenciada na escola, mas de apoio a uma Educação Física aberta a diferentes elementos da cultura de movimento, por meio da concretização do movimento humano em interação com um corpo real, voltado para necessidades também reais.

Desse modo, entende-se que a falta de atenção com relação a esse elemento e a sua importância em meio educacional, passa pelo desconhecimento de sua história e legitimação social, assim como, pelo próprio descomprometimento do profissional com práticas que impeçam a mera reprodução e que, de certa forma, abalem o seu campo de domínio de conhecimentos. Nesse momento, esta é a nossa contribuição no sentido de “novos olhares” à Educação Física.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRACHT, Valter. **Educação física e aprendizado social**. Porto Alegre: Magister, 1992.

DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. Campinas: Papirus, 1995.

FLEURI, Reinaldo. **Educar para quê?** : contra o autoritarismo da relação pedagógica na escola. São Paulo: Cortez, 1992.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FREIRE, João Batista. **De corpo e alma** : o discurso da motricidade. São Paulo: Summus, 1991.

_____. Dimensões do corpo e da alma. **Pensando o corpo e o movimento**. Rio de Janeiro: 31-45, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GAIARSA, José Angelo. O corpo que se vê e o corpo que se sente. **Pensando o corpo e o movimento**, Rio de Janeiro: 131-135, 1994.

GONÇALVES, Maria Augusta Salim. **Sentir, pensar, agir**: corporeidade e educação. Campinas: Papirus, 1994.

LABAN, Rudolf. **Dança educativa moderna**. São Paulo: Ícone, 1990.

MOREIRA, Wagner Wey. O fenômeno da corporeidade: corpo pensado e corpo vivido. **Pensando o corpo e o movimento**, Rio de Janeiro: Shape. 53-59, 1994.

SANTIN, Silvino. Visão lúdica do corpo. **Pensando o corpo e o movimento**. Rio de Janeiro: 159-162, 1994.

Revista da
EDUCAÇÃO FÍSICA/
UEM



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
Departamento de Educação Física

Revista da Educação Física/UEM

Sete anos de sucesso e pleno reconhecimento por parte dos profissionais da área e áreas afins.

Receba você também este veículo de informação e atualização sobre o conhecimento que se tem produzido na área de Educação Física.

Escreva para: **UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ**
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
Revista da Educação Física/UEM
Av. Colombo, 5790
CEP 87020-900 - Maringá - PR

Envie cheque no valor de R\$ 5,00, nominal à FUEM, no endereço acima, para recebimento da revista.